



UM DIÁLOGO ENTRE EPICETETO E FOUCAULT: SUICÍDIO COMO FUGA OU LIBERTAÇÃO?

RESUMO: Um dos estereótipos mais comuns atribuídos aos estoicos é o de que eles seriam apologistas do suicídio. De fato, não há uma proibição ao suicídio no Estoicismo, especialmente em Epicteto; contudo este artigo pretende mostrar que não há também uma apologia ao suicídio. A partir da leitura da *Hermenêutica do Sujeito* de Foucault e da análise das *Diatribes* de Epicteto, pretendo problematizar o tema do suicídio na filosofia epictetiana, apresentando os critérios pelos quais o suicídio pode ser realizado para que seja virtuoso. Com isso, é possível responder a pergunta: na filosofia epictetiana, o suicídio é uma fuga ou uma libertação?

PALAVRAS-CHAVE: Epicteto, Foucault, morte, suicídio.

ABSTRACT: One of the most common stereotypes ascribed to Stoics is that they would be apologists for suicide. In fact, there is no prohibition against suicide in Stoicism, especially in Epictetus; however, this article intends to show that there is also no apology for suicide. From the reading of Foucault's *The Hermeneutics of the Subject* and the analysis of Epictetus *Diatribes*, I intend to problematize the topic of suicide in Epictetian philosophy, presenting the criteria by which suicide can be performed to be virtuous. Then, it is possible to answer the question: in the Epictetian philosophy, the suicide is an escape or a liberation?

KEYWORDS: Epictetus, Foucault, death, suicide.

Esclarecendo o termo

O suicídio é um tema complexo que, ao longo dos séculos, tem polarizado opiniões e atraído a atenção de teólogos, filósofos, sociólogos, médicos e artistas. Apesar de ser historicamente um tema polêmico em grande parte do Ocidente, principalmente por influência da religião judaico-cristã, o suicídio encontra apoiadores, que justificam sua execução sob certas circunstâncias, como no caso de pessoas que estão em estágio terminal de uma doença.

Contemporaneamente, segundo dados de 2012 da Organização Mundial da Saúde, 800 mil pessoas cometem suicídio no mundo anualmente, sendo o suicídio a principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos¹. No Brasil, mesmo com a subnotificação², o suicídio é a terceira causa de morte por fatores externos identificados, correspondendo a 6,8% do total de mortes registradas e perdendo apenas para homicídios (36,4%), acidentes de trânsito (29,3%)³. Nesse cenário, “estima-se que cerca de 90% dos indivíduos que puseram fim às suas vidas cometendo suicídio tinham alguma perturbação mental e que, na altura, 60% deles estavam deprimidos”⁴. Contudo, fatores biológicos, genéticos, psicológicos, sociológicos, culturais e ambientais também influenciam o comportamento suicida⁵. Portanto, sob essa perspectiva, o suicídio é compreendido como o resultado de um estado mental afetado por elementos tanto internos quanto externos ao indivíduo, que o impedem de tomar decisões com clareza. Por isso, do ponto de vista médico, “a abordagem do paciente com risco de suicídio envolve vários enfoques. A regra preliminar e fundamental é impedir a morte. Quando existe risco iminente, recomenda-se a internação psiquiátrica, ainda que involuntária”⁶.

¹ OMS: *Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos*. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

² Em função do tabu que envolve o suicídio, muitas famílias não notificam casos de suicídio como tais, gerando a subnotificação. Por isso, estima-se que o número de suicídios no Brasil seja maior do que o informado nas estatísticas oficiais.

³ MACHADO, D.B; SANTOS, D.N. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v.64, n.1, p. 46, mar./2015.

⁴ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2006, p. 5.

⁵ *Ibidem*, p. 1.

⁶ COHEN, C; GARCIA, M. *Questões de Bioética Clínica*. Pareceres da Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier: 2007.

Tais conhecimentos, desenvolvidos sobretudo nos últimos dois séculos (e exatamente por isso), não fazem parte do arcabouço conceitual pelo qual os antigos, incluindo os estoicos, pensaram o suicídio. Dessa forma, é necessário, antes de tudo, circunscrever os limites do que queremos dizer ao tratar de suicídio na filosofia epictetiana, já que tal termo está hoje carregado de outro tipo de compreensão do fenômeno, como foi exposto acima. Primeiramente, destaca-se o fato de que, apesar de ter havido suicídios na Antiguidade Greco-Romana, não há no Grego ou no Latim uma palavra única que corresponda ao que se entende por suicídio⁷. Hooff⁸ vê, nesse fato, um indicativo importante: “Em primeiro lugar, a língua conta uma história: os termos nos quais os gregos e romanos falaram sobre o [ato de] matar-se são reveladores de suas atitudes”. A própria palavra suicídio (*suicidium*), que parece uma palavra antiga à primeira vista, foi cunhada por Caramuel, um teólogo que escreveu em Latim no século XVII.

Mas, se não havia uma palavra única para o suicídio, como os antigos se referiam ao ato pelo qual uma pessoa tira a própria vida? Hooff apresenta 167 palavras gregas e 173 palavras latinas usadas para designar o suicídio, que designavam o meio pelo qual uma pessoa cometia suicídio (afogamento, enforcamento, etc.) ou ainda o ato de atentar contra si mesmo, mas nenhuma contempla o que contemporaneamente entendemos como suicídio. Enquanto o conceito contemporâneo de suicídio indica o ato pelo qual uma pessoa tira a própria vida por qualquer meio disponível, e frequentemente sob a influência de transtornos psiquiátricos, as palavras gregas e latinas indicavam um meio específico de morte que poderia ser causada tanto pela própria pessoa quanto por outrem. Um exemplo disso é a palavra *biothánatos* que pode se referir tanto ao suicídio quanto a uma morte violenta.

Assim, neste artigo, que tem como foco a filosofia epictetiana, a palavra suicídio é usada em sentido mais restrito que o atual para se referir ao ato pelo qual uma pessoa se mata por meio de uma ação própria que foi planejada para esse fim, excluindo-se as mortes acidentais e aquelas nas quais a pessoa se sacrifica para salvar outra. Analisaremos o problema da justificação do suicídio, mostrando que ele pode não apenas ser racional, mas também o último ato de preservação da razão. Entretanto, para isso é necessário atender a certos critérios a fim de que o suicídio seja um ato virtuoso.

⁷ COOPER, J. Greek Philosophers on Suicide and Euthanasia. In: *Suicide and Euthanasia: Historical and Contemporary Themes*. B Brody (ed.), Dordrecht: Kluwer. p. 9.

⁸ HOOFF, A. J. L. *From Autothanasia to Suicide. Self-Killing in Classical Antiquity*. New York: Routledge, 2002. p. 135.

O suicídio em Epicteto – uma apologia?

Comumente, atribui-se ao estoico o estereótipo de uma defesa indiscriminada do suicídio, porém ao examinar as *Diatribes*, constatamos que, ainda que não haja uma apologia, também não há uma proibição. Em determinadas circunstâncias e após ponderar sobre certos critérios, o suicídio é uma opção para o estoico. A esse respeito, Duhot comenta que “o suicídio não é em si mesmo proibido por princípio, simplesmente não é bom desconsiderá-lo e dele se furtar”⁹. Mais especificamente, no caso do Estoicismo Imperial, Gourinat resume esses critérios do seguinte modo:

Com efeito, os estoicos tinham uma concepção da morte voluntária que combinava bem com a moral romana: não bastava suicidar-se por desgosto da vida e do corpo, nem por exaltação religiosa, para unir-se à divindade, nem mesmo por ser um dogma estoico que a morte não é um mal, mas apenas [por] um caso de “sinal” da divindade, [...] como o sinal que é para Sócrates sua condenação pelo tribunal de Atenas: “Se o Deus dá o sinal da retirada, como o deu a Sócrates, é preciso obedecer àquele que dá essa ordem, como se obedece ao general” (*Discursos* I, 29, 29). A época ou o triunfo de um tirano preside o suicídio, mais raramente a penúria e a doença (*Discursos* III, 26, 29).¹⁰

A austeridade romana demonstrada especialmente na vida política combinou muito bem com a radicalidade da prática de vida estoica. Por isso, não é raro encontrarmos exemplos como o de Catão e de Sêneca que puseram fim à própria vida quando as circunstâncias exigiram. No entanto, como destaca Gourinat, o suicídio deve ser executado apenas em situações específicas, não por motivos fúteis como “desgosto da vida e do corpo”. A seguir, veremos as circunstâncias pelas quais o suicídio é permitido e aquelas nas quais o suicídio não é recomendado na filosofia epictetiana.

As condições de possibilidade para o suicídio

Os argumentos em favor do suicídio baseiam-se na tese de que a morte, como um indiferente, pode ser usada como um recurso vantajoso quando as circunstâncias forem permanentemente contrárias à natureza. Como sabemos, o ideal de vida estoico é a vida virtuosa; logo, se as circunstâncias impedirem a pessoa de seguir uma vida

⁹ DUHOT, J.-J. *Epicteto e a sabedoria estoica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2006, p. 130.

¹⁰ GOURINAT, J.-B. A sabedoria e os exercícios filosóficos. In: GOURINAT, J.-B., BARNES, J. *Ler os estoicos*. Trad. Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Loyola, 2013. p. 222.

virtuosa ou se a morte evitar a deterioração ou a perda do uso da razão, o suicídio é uma opção viável, de acordo com Epicteto.

A *Diatribes* III.24 expressa essa tese. Nela, Epicteto orienta a que não se deseje aquilo que não está sob nosso encargo. Mas por quê? Segundo o filósofo, deus fez a humanidade para ser feliz e, para isso, ele deu coisas que estão sob nosso encargo e outras que não estão. Nós devemos aprender a lidar com ambas. Uma forma de fazer isso é, nos momentos de alegria, de deleite (*chaíreis*), lembrarmos do seu oposto. Com isso, perceberemos que nada é de mau-agouro, pois os acontecimentos da vida são naturais. Tendo isso em mente, a pessoa deve buscar desempenhar bem seu papel no mundo e em obedecer a deus. Nesse contexto, Epicteto, dirigindo-se respeitosamente a deus, afirma:

Se tu me enviasses para um lugar onde os homens não têm meios para viver conforme a natureza [*katà phýsin*], eu deveria partir dessa vida, não em desobediência a ti, mas como se tu estivesses enviando o sinal para eu voltar. Eu não te abandono – longe de mim! Mas eu percebo que tu não tinhas necessidade de mim. Se fosse concedido um meio de viver de acordo com a natureza, eu não procuraria outro lugar além daquele no qual estou ou outros homens além daqueles que agora são meus companheiros.¹¹

Se a vida conforme a natureza é sinônimo de uma vida obediente a deus, o suicídio é a alternativa para uma situação na qual a pessoa não tenha meios para viver desse modo. Tal atitude não é uma fuga, mas sim o ato final de reconhecimento de que deus não precisa mais dela no mundo e, por isso, ela deve seguir o sinal enviado para se retirar. A morte é, então, um meio de libertar-se de uma vida potencialmente viciosa.

O suicídio também é visto como libertação de uma vida em que a pessoa não possa ser quem ela foi feita para ser. Na *Diatribes* IV.1, que tem como título “sobre a liberdade”, Epicteto defende que é livre quem não está sujeito a compulsões e desejos, mas vive como quer, alcançando o que deseja e não se deparando com o que evita. Essa ideia está de acordo com o passo XIVb do *Manual*, em que o filósofo afirma que “quem quer que deseje ser livre, nem queira nem evite o que dependa de outros. Senão, necessariamente será escravo.” No entanto, continua a *Diatribes*, nós submetemos nossa liberdade a outros, seja a César, seja a alguém por quem nos apaixonamos. Em ambos os casos, passamos a fazer coisas que não desejamos para agradar outras pessoas. Sob tais circunstâncias, pergunta Epicteto, pode ser livre alguém que entrega seus desejos a

¹¹ *Diatribes*, III.24.101-102.

outrem? A partir dessa reflexão, Epicteto aplica o raciocínio aos animais, passando a analisar o comportamento de animais capturados. Ele afirma que o leão mais domesticado é menos livre, pois torna-se algo diferente do que um leão por natureza é. Se um leão selvagem pudesse pensar, jamais escolheria ser um leão domesticado. Epicteto cita ainda o caso dos pássaros que, quando presos, sofrem tentando escapar e, quando não conseguem, morrem de fome. O pássaro, num diálogo imaginário, diria que não foi criado para viver numa gaiola, mas voando e cantando livremente. Disso concluímos que tanto o leão quanto o pássaro desejam a liberdade, pois somente assim eles podem ser o que são por natureza.

Porque nós chamamos livres somente aqueles animais que não se submetem à captura, mas escapam pela morte quando são capturados. Assim também Diógenes disse: “A única maneira de assegurar a liberdade é morrer alegremente”.¹²

Essa tese é aplicada ao ser humano, na *Diatribes* I.2, que tem como título “como manter o caráter próprio (*katà prósopon*) em toda circunstância”. Segundo Epicteto, só é insuportável para o ser humano aquilo que é irracional; porém, apenas o próprio ser humano pode determinar, após ter se instruído, o que é racional ou irracional, bom ou mau para ele mesmo. Esse julgamento baseia-se não apenas no valor do objeto externo, mas também (e poderíamos dizer, principalmente) no caráter próprio de cada um. Desse modo, Epicteto passa a dar exemplos de pessoas que prefeririam morrer a abrir mão do caráter próprio a partir da avaliação das circunstâncias que as envolviam. Esse caráter (*prósopon*) se refere, numa alusão às máscaras usadas no teatro grego, a quem a pessoa é ou manifesta ser. Assim, o atleta que deveria ter o pênis amputado para que pudesse viver, prefere morrer. E, segundo Epicteto, morreu como ser humano, isto é, preservando seu caráter próprio. Semelhantemente, Epicteto responde – talvez influenciado pelo exemplo de Sócrates – que prefere morrer a deixar de filosofar:

- Então, Epicteto, faça a barba¹³.
 Se eu for filósofo, direi:
 - Não a farei.
 - Mas eu cortarei seu pescoço.
 - Se isso for bom para você, corte-o.¹⁴

¹² *Diatribes*, IV.1.29,30.

¹³ A barba era símbolo do filósofo. Logo, cortar a barba, significa deixar de filosofar.

¹⁴ *Diatribes*, I.2.29.

A fundamentação epictetiana para o suicídio não é o juízo errôneo que as pessoas comumente fazem de que a fome, a dor e a doença são males, mas sim o juízo de que as condições de possibilidade de uma vida virtuosa no exercício do papel próprio de cada um são inviáveis. O suicídio, nesses casos, é uma alternativa à perda da liberdade, da racionalidade e da autonomia que pode acontecer em função de mudanças nas circunstâncias que envolvem uma pessoa.

De sua ênfase na liberdade de restrições externas, antes na qualidade moral da existência continuada que em seu comprimento ou qualquer outra vantagem natural moralmente neutra, e no privilégio de selecionar um momento apropriado e o modo de partir de acordo com um critério de oportunidade pessoalmente interpretado e aplicado, e de acordo com a natureza, nós podemos ver que o suicídio representa para os estoicos um modo próprio de garantir uma presença humana distintiva no mundo. [...] Os estoicos argumentaram que o ato de suicídio nos permite um exercício final de nossa liberdade antes que não se torne possível na prática por causa das mudanças nas circunstâncias na vida.¹⁵

O suicídio, quando racionalmente realizado, é resultado de uma decisão tomada corretamente pela *proairesis*, pois não é outra a faculdade senão a própria faculdade de escolha (*proairesis*) que indica que é a hora de morrer¹⁶.

Qual [faculdade] usa [as demais]? A faculdade de escolher [*proairesis*]. Qual cuida de todas? A faculdade de escolher. Qual destrói o ser humano todo, seja pela fome, por enforcamento ou por se lançar de um precipício? A faculdade de escolher. Logo, existe algo mais forte nos homens do que isso? Como as coisas sujeitas ao impedimento podem ser mais fortes que aquelas que não são impedidas? Quais são, por sua própria natureza, capazes de impedir a faculdade da visão? Tanto as coisas que dependem da escolha [*proairesis*] quanto as que estão fora da nossa faculdade de escolha [*aproaireta*]. Essas mesmas impedem a visão e também a fala. Mas o que é por natureza capaz de impedir a faculdade de escolha? Nada que esteja fora de sua esfera [*oudén aproairesin*], mas apenas ela mesma quando pervertida. Por isso, a faculdade de escolha se torna o único vício [*kakia*] ou a única virtude [*aretê*].¹⁷

Ainda que o foco do texto acima citado não seja exclusivamente a morte, ele deixa claro que é por meio da *proairesis* que a decisão pelo suicídio é tomada. Se essa decisão for tomada racionalmente e pelos motivos certos, é uma decisão virtuosa. Caso contrário, é uma decisão que leva a pessoa a incorrer em vício.

¹⁵ Seidler Apud Stephens, Op. Cit., p. 381.

¹⁶ Ainda sobre o mesmo tema, mas usando termos diferentes, Epicteto afirma na *Diatribes* I.2.3-4 que quando um ser humano sente [*páthe*] que é racional [*eúlogon*], ele mesmo se enforca, pois o que oprime o ser humano é o irracional [*alógou*], ao passo que o racional o atrai.

¹⁷ *Diatribes*, II.23.16-19.

Na *Diatribes* IV.10, Epicteto afirma que “os homens encontram todas as suas dificuldades nas coisas externas” (passo I), pois eles se preocupam com aquilo que está fora de sua faculdade de escolha (*proairesis*). O futuro é um exemplo do que não está na esfera da *proairesis*, mas a natureza do bem e do mal, sim. Epicteto segue mostrando que não é possível dar atenção tanto à *proairesis* quanto ao que está fora dela e cita o exemplo de uma pessoa que se preocupa com o óleo, os móveis e os livros que podem ser perdidos e ainda com sua alimentação no dia seguinte. Nesse contexto, o filósofo afirma:

Mas eu não tenho nada para comer. Se eu sou tão desafortunado, a morte é um porto seguro; e a morte é o porto seguro para todos; esse é o lugar de refúgio. Por isso, nenhuma das coisas na vida é difícil: tão logo quanto você escolha, estará fora de casa e não será mais incomodado pela fumaça.¹⁸

A morte, alcançada pelo suicídio, é apontada não apenas como solução a um problema de escassez de alimentos, mas como um “porto seguro” para aqueles que passam por infortúnios (a fumaça). Podemos ver ainda nesse trecho a importância da perspectiva da morte para a ressignificação dos acontecimentos da vida. A pessoa sempre tem diante de si duas opções¹⁹: viver suportando os acontecimentos ou morrer, se não for mais possível suportar tais condições. Por isso, diz Epicteto, “nenhuma das coisas na vida é difícil”, sempre há uma alternativa.

A porta aberta

Em 7 textos nas *Diatribes*, encontramos o que ficou conhecido como a doutrina da porta aberta [*hé thýra enoíchthai*]: I.9.19-20, I.24.1, I.25.18, II.1.19-20, III.24.33-34, III.8.6, III.13.14. Neles vemos Epicteto ironicamente apontar o suicídio como solução àqueles que reclamavam da vida. Por esse método pedagógico, Epicteto levava seus discípulos a avaliarem melhor as situações que viviam, contrapondo as dificuldades da vida à sua alternativa: a morte. Importante destacar que a morte não é má, como exposto anteriormente. No entanto, dado seu caráter irreversível, ela “não é apenas um acontecimento com alguma gravidade: tem para o ser humano a gravidade absoluta”²⁰. Por isso, essa “experiência imaginária do suicídio permite tomar consciência de que o

¹⁸ *Diatribes*, IV.10.27.

¹⁹ Epicteto parece desconsiderar a possibilidade de uma pessoa ser forçada a permanecer viva, como atualmente se faz com a internação involuntária dos suicidas, por exemplo.

²⁰ FOUCAULT. M. Op. Cit., p. 429.

que nos acabrunha não é realmente grave e não nos concerne verdadeiramente, dado que podemos sair de tal situação”²¹.

Epicteto acredita que as crianças algumas vezes são mais sábias que os adultos. Então, como hábil pedagogo que é, ele sustenta o comportamento das crianças como um exemplo positivo, corajoso que seus alunos adolescentes devem imitar. Esta é sua técnica ao propor a doutrina da porta aberta. Ele invoca essa doutrina para recusar a reclamação do “coitado de mim”. Lembra aos seus alunos que, se eles julgarem suas atuais circunstâncias como sofrimentos insuportáveis, então a morte oferece a eles uma alternativa.²²

No primeiro exemplo, a *Diatribes* I.9.19-20, Epicteto apresenta a porta aberta como alternativa às pessoas que se afligem pelo futuro após contrapor a atitude destas com a de Sócrates, que se dizia cidadão do mundo, e a atitude dos escravos, que só contam consigo mesmos quando fogem.

Mas o que acontece agora? Um cadáver é o seu professor e um cadáver é você. Tão logo você tenha se encheido de comida hoje, você sente lamentando sobre o dia seguinte, [pensando sobre os] meios pelos quais você deverá ser alimentado. Escravo, se você pode conseguir [alimento], você o terá; se você não pode consegui-lo, você partirá; a porta permanece aberta.

Na *Diatribes* I.24, na qual Epicteto trata de como enfrentar as dificuldades, o filósofo afirma que “as dificuldades mostram o que os homens são” (passo 1). Por isso, as dificuldades devem ser encaradas como uma luta contra um jovem duro, na qual deus, como um treinador, nos colocou (passo 1)²³. Por isso, seguindo o exemplo de Diógenes, devemos reconhecer que nada é terrível, mas “tudo está cheio de paz” (passo 9). Mas, se ainda assim, a pessoa reclama, Epicteto diz:

Mas resumindo tudo: lembre-se de que a porta já foi aberta. Não se torne mais covarde que as crianças, mas diga como elas: “Eu não quero mais brincar”, quando as coisas não as agradam. Assim faça você também, quando apresentar-se uma coisa tal, apenas diga: “Eu não quero mais brincar”, e parta. Mas se você ficar, não se lamente.²⁴

Quando, mesmo após o ensinamento de que nada é terrível, os discípulos ainda se queixam da vida, Epicteto se mostra radical na resposta. Há somente duas

²¹ DUHOT, J.-J. Op. Cit., p. 128.

²² STEPHENS, Op. Cit., p. 380.

²³ Mais adiante, abordaremos como as dificuldades podem ser vistas como provas que propiciam o treinamento do estoico para a vida virtuosa.

²⁴ *Diatribes*, I.24.17

alternativas: viver sem se lamentar ou partir, seguindo o exemplo das crianças que desistem de um jogo que não lhes agrada mais. Se lembrarmos o tratamento dispensado ao medo da morte pelos estoicos, veremos que a perspectiva da morte é utilizada aqui para ressignificar os acontecimentos da vida. Sob a perspectiva da morte, mesmo os fatos tidos (erroneamente) como terríveis deixam de parecer tão graves. Nesse sentido, surge outro trecho sobre a porta aberta, no qual Epicteto orienta a suportar os infortúnios enquanto for possível (aqui representados pela figura da “fumaça”); quando não for mais possível, a morte é a alternativa. “Alguém fez fumaça na casa? Se ele fez uma fumaça moderada, eu devo ficar; se for demais, eu saio. Porque se deve lembrar e guardar isto: a porta continua aberta”²⁵.

Na *Diatribes* II.1, na qual Epicteto fala sobre como enfrentar a morte com coragem e o medo da morte com cautela, o filósofo trata ainda do tema da dificuldade. Assim como o tratamento dispensado à morte, é preciso examinar e compreender o que é a dificuldade. Se, depois desse exame, a pessoa perceber que não pode mais suportar as dificuldades, sempre tem a saída pela morte.

O que é a dificuldade [*pónos*]? Uma máscara [*mormolykeion*]. Vire-a e conheça o que é. A pobre carne é submetida ao tratamento rigoroso, e então a [um tratamento] suave. Se você não acha isso proveitoso, a porta continua aberta; mas se acha proveitoso, suporte-o. Pois a porta permanece aberta para cada emergência, e por isso nós não temos problemas [*prágma*].²⁶

O próximo trecho em que aparece a doutrina da porta aberta é um diálogo imaginário com Agamênon, em que este se lamenta porque os gregos estão em perigo, mas sua honra o impele a recuperar Helena. Diante disso, Epicteto responde:

- Pois, se a morte é um mal, se eles [os gregos] morrerem todos de uma vez ou se morrer um por vez, é igualmente um mal. Nada mais vai acontecer, além da separação entre o corpo e a alma?
 - Nada.
 - E a porta está fechada para você, se os gregos perecerem? Não é permitido a você morrer?
 - É.²⁷

Finalmente, os dois últimos trechos sobre a porta aberta dizem respeito a situações nas quais a pessoa não apenas reclama da vida, mas culpa Zeus ou não compreende o modo como o mundo está organizado. No primeiro caso, na *Diatribes*

²⁵ *Diatribes*, I.25.18.

²⁶ *Diatribes*, II.1.19-20.

²⁷ *Diatribes*, III.24.33-34.

III.8, Epicteto inicia seu ensinamento afirmando que, assim como seus discípulos se exercitam para responder às interrogações sofisticadas, eles devem se exercitar em relação às representações que recebem. Em seguida, o filósofo cita diversas situações nas quais se deve distinguir o que está ou não na esfera da *proairesis*, isto é, de nossas escolhas e conclui esse raciocínio afirmando que somente se deve dar o assentimento às representações catalépticas. Contudo, num diálogo com alguém que quer ser responsável por coisas que não dependem dele e acha que Zeus agiu de modo incorreto ao determinar que as coisas sejam como são, Epicteto usa novamente o recurso pedagógico da morte como alternativa a uma vida que a pessoa incorretamente julga ser ruim.

- Mas, você diz, Zeus não fez isso certo.

- Por que?

- Porque ele te fez capaz de suportar e de ser generoso, porque ele tirou das coisas a qualidade de serem más, porque a você é permitido sofrer essas coisas e ainda ser feliz, porque ele abriu a porta a você, sempre que elas não forem para o seu bem? Homem, saia e não reclame.²⁸

O segundo caso, que aparece na *Diatribes* III.13, semelhantemente à *Diatribes* III.8, trata da situação em que pessoa não tem suas necessidades atendidas. A *Diatribes* trata do desamparo e afirma que desamparado não é quem está só necessariamente, mas aquele que não tem quem o ajude e está em risco de ser prejudicado por outrem. Porém, Epicteto, lembrando a doutrina estoica da conflagração universal, pela qual todo o mundo é destruído pelo fogo para depois renascer, defende que mesmo Zeus, no momento da conflagração, está sozinho (mas não desamparado). E, tal como Zeus, os homens devem aprender a ser autossuficientes, tendo comunhão, paz e companhia consigo mesmos. Também devem se dedicar a estudar o governo divino e suas próprias relações com as outras coisas. Em seguida, Epicteto comenta que César parece dar tranquilidade (como muitos podem pensar) ao oferecer segurança em viagens contra ladrões ou piratas, mas ele não pode dar segurança contra um terremoto ou mesmo uma febre. Deve-se lembrar, então, que a doutrina dos filósofos ensina que a tranquilidade e a liberdade são encontradas pelo próprio ser humano quando de fato se dedica ao estudo e à prática dos princípios filosóficos. Agindo assim, o ser humano perceberá que nada do que as pessoas consideram males (terremoto, ladrões, etc.) pode tirar sua paz e sua

²⁸ *Diatribes*, III.8.6.

tranquilidade. Mas, se a pessoa acha que deus não está provendo aquilo de que ela necessita, pode partir:

De outro modo, sempre que ele não provê as necessidades para a existência, ele chama a voltar; ele abriu a porta e te diz: “Vá”. Para aonde? Para nada que você tema, mas de volta ao lugar de onde veio, ao que é amigável e aparentado a você, aos elementos físicos.²⁹

Observamos até aqui que, uma vez que a morte não é má – e pode até mesmo ser um “porto seguro”, o suicídio é uma alternativa a uma vida contrária à natureza, seja porque a pessoa não pode ser quem ela é, seja pela perda da racionalidade e da autonomia. Nesses casos, a própria faculdade de escolha (*proairesis*) aponta o suicídio como uma decisão racional. Vimos ainda que Epicteto usa pedagogicamente o suicídio como um elemento de reflexão para as pessoas que reclamam das circunstâncias ou acontecimentos da vida. Não significa que ele esteja fazendo seus discípulos ponderarem entre uma situação ruim e outra pior, como se poderia pensar, mas entre duas opções que são indiferentes, segundo a teoria estoica de Epicteto; uma delas, porém, é definitiva. Por isso, o suicídio não deve ser uma decisão tomada sem reflexão.

Impeditivos ao suicídio

Exatamente porque o suicídio é uma decisão que necessita de reflexão e só deve ser tomada sob determinadas circunstâncias, não é difícil supor que Epicteto criticaria quem decidisse cometer suicídio sem um motivo que fundamente tal decisão. Apresentaremos aqui dois exemplos retirados das *Diatribes* sobre esse tipo de caso. Porém, antes de analisar esses casos, introduzimos o problema com a orientação de Sêneca a Lucílio:

De fato, devemos ser orientados e fortalecidos por ambos: nem amemos demais a vida nem a odiemos demais. Mesmo quando a razão nos persuade a dar cabo dela mesma, não se deve tomar a iniciativa às cegas e às pressas. O ser humano corajoso e sábio não deve fugir da vida, mas sair dela e, acima de tudo, também deve evitar aquela paixão que conquistou muitos: a vontade de morrer. De fato, meu caro Lucílio, tanto quanto para outras coisas, também para a morte o espírito tem uma inclinação imprudente, que se apodera muitas vezes de homens dignos e de índole muito forte, outras tantas, dos covardes e passivos. Os primeiros têm desdém pela vida, os últimos se deixam oprimir por ela. Alguns ficam cansados de fazer e ver as mesmas coisas, e não têm ódio, mas um fastio com a vida. Escorregamos nesta

²⁹ *Diatribes*, III.13.14.

direção com um empurrão da própria filosofia no momento em que afirmamos: “Até quando mais do mesmo? Com certeza, vou acordar e dormir, <vou comer> e ter fome, e sentirei frio e calor. Não existe o fim de coisa alguma, mas tudo foi conectado num ciclo, as coisas vêm e vão: a noite persegue o dia que persegue a noite, o verão desaparece no outono, o outono é pressionado pelo inverno, que é contido pela primavera. Assim, tudo passa para que possa voltar. Não faço nada novo, não vejo nada novo: em algum momento, também se enjoa dessa situação”. Há muitos que julgam que viver não é amargo, mas supérfluo.³⁰

A orientação de Sêneca é muito afinada com as orientações de Epicteto a respeito do suicídio. Os ensinamentos da física estoica de que a morte é um indiferente não devem levar a pessoa a uma atitude de desprezo pela vida, como se a decisão por suicídio fosse algo a ser considerado “às cegas e às pressas”. O tédio pela vida e suas ações cotidianas também não são motivo suficiente para justificar o suicídio. Ambos os casos aparecem nas *Diatribes* analisadas adiante.

Na *Diatribes* II.15, encontramos uma situação na qual Epicteto critica um homem que decide morrer de fome. A *Diatribes* versa sobre aqueles que se inclinam obstinadamente aos juízos uma vez formados. Segundo Epicteto, algumas pessoas, depois de aprenderem os princípios filosóficos de que o ser humano deve ser firme e que a *proairesis* é naturalmente livre e as demais coisas estão sujeitas aos outros, acreditam que devem se apegar a qualquer juízo que ele tenha formado. Nesse contexto, ele apresenta o caso:

Por exemplo, um amigo meu por razão alguma decidiu morrer de fome. Eu soube disso quando ele já estava no terceiro dia de seu jejum. Então, fui e perguntei o que aconteceu.

- Eu decidi, ele respondeu.

- Muito bem, mas o que foi que te induziu a tomar essa decisão? Pois, se o teu juízo for bom, veja, nós ficaremos ao teu lado e estaremos prontos para te ajudar a deixar essa vida; mas se o teu juízo for irracional [*alógos*], mude-o.

- Eu devo manter minha decisão.

- O que você está fazendo, homem? Você não quer dizer todas as suas decisões, mas somente as corretas. Por exemplo, se você estiver convencido neste momento que é noite, não mude sua opinião, se isso parece o melhor para você, mas permaneça nela e diga que você deve manter suas decisões. Você não deseja tornar firmes seus princípios e fundamentos, que é considerar quando sua decisão é ou não é, e [isso] somente depois de ter sustentado a estrutura da sua determinação e da sua firme resolução? Mas se você se baseia numa fundação podre que está desmoronando, você não pode sustentar mesmo uma pequena estrutura; mas sua superestrutura, a maior e a mais forte, é a que mais rápido desabarará. Sem razão nenhuma você está tirando sua vida, em seu detrimento, um ser humano que é um familiar e um amigo, um cidadão do mesmo estado, tanto o maior [o mundo] quanto o menor [a cidade]; então, pelo ato de matar, e enquanto está engajado na destruição de um ser humano que não fez nada errado, você diz que “deve

³⁰ SÊNECA. *Cartas morais a Lucílio*, 24.24-26.

permanecer em suas decisões”. Mas se a ideia de se matar já tivesse passado pela sua cabeça, você deveria manter suas decisões?³¹

Epicteto critica a atitude do homem, pois ele pretende cometer suicídio sem nenhum motivo, deixando claro o que anteriormente foi defendido de que não há uma apologia ao suicídio no Estoicismo, pelo menos se considerarmos o escopo da filosofia epictetiana. Conquanto não seja proibido, é preciso haver um motivo que justifique racionalmente tal decisão. Deve-se, ainda, considerar as relações que se tem com as pessoas, como vemos no trecho acima citado. O papel social que desempenhamos em relação aos nossos familiares, nossos amigos, a pátria e mesmo o mundo deve ser considerado na decisão de deixar a vida.

Já na *Diatribes* I.9, a situação envolve discípulos de Epicteto que, por “fastio com a vida”, tendo compreendido que são aparentados dos deuses, desejam morrer. Assim como o homem que decidiu morrer de fome, aqui os discípulos não apresentam nenhum motivo que fundamente tal opção pelo suicídio.

E essa é a luta na qual seus professores e treinadores, se eles realmente se importam, devem se engajar; vocês, de sua parte, vem a mim dizendo: “Epicteto, nós não podemos continuar presos neste corpinho, dando a ele comida e bebida, fazendo-o descansar e limpando-o, e ser levados ao contato com estas e aquelas pessoas. De fato, não são todas essas coisas indiferentes para nós? E não é a morte mal algum? E nós não somos, de certo modo, aparentados a deus, não viemos dele? Deixe-nos voltar ao lugar de onde viemos. Deixe que nos libertemos desses laços e fardos aos quais estamos presos. Aqui há piratas, ladrões, tribunais e aqueles que são chamados de tiranos; eles pensam possuir algum poder sobre nós por causa do corpinho e de suas posses. Deixe-nos mostrar a eles que não têm poder algum”. E então, de minha parte, eu digo: “Homens, esperem por deus. Quando ele der o sinal e os libertar desse serviço, então vocês devem partir para ele; mas por hora, permaneçam nesse lugar, onde ele os colocou. De fato, pouco é o tempo de sua permanência aqui e é fácil de suportar para os homens com tais convicções. Pois, qual tirano ou ladrão, ou quais cortes são ainda temíveis para aqueles que tornaram comparáveis a nada o corpo e suas posses? Fique. Não seja irracional ao partir.”³²

Apesar de tratar menos dos impeditivos ao suicídio do que de suas possibilidades, fica claro nos textos analisados que Epicteto não faz uma apologia indiscriminada ao suicídio, de modo que a pessoa não deve cometer tal ato sem motivo ou por estar entediado com a vida. Uma das razões disso, que será apresentada a seguir, é que as dificuldades da vida contribuem para o aperfeiçoamento do indivíduo nos princípios filosóficos.

³¹ *Diatribes*, II.15.4-12.

³² *Diatribes*, I.9.12-17.

O suicídio e a prova de vida

O que foi exposto até aqui sobre as possibilidades e as interdições ao suicídio corroboram a afirmação de Paul Tillich:

A recomendação estoica do suicídio não é dirigida àqueles que são dominados pela vida, mas para aqueles que dominaram a vida, que são capazes [competentes] tanto de viver quanto de morrer, e que podem escolher livremente entre ambos. Suicídio como um escape, ditado pelo medo, contradiz a coragem estoica de ser.³³

O suicídio, do ponto de vista estoico, não é um ato de covardia motivado pelo medo, mas uma decisão racionalmente tomada para que tanto a vida quanto a morte sejam conforme à natureza. No entanto, para lançar mão desse recurso, é preciso discernir entre uma situação em que o suicídio é indicado e aquela que é, na verdade, uma prova necessária ao aperfeiçoamento do indivíduo.

A vida como prova

Tendo em mente os critérios epictetianos para o suicídio e considerando as reflexões apresentadas por Foucault em sua última fase, no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, cabe-nos analisar o problema da vida como prova, isto é, do caráter educativo e formador dos infortúnios. Em outras palavras, como diferenciar os infortúnios que ajudam a forjar a vida virtuosa daqueles infortúnios que justificam a decisão pelo suicídio? Para responder a essa pergunta, inicialmente devemos situar o problema da vida como prova no contexto apresentado por Foucault, na aula do dia 17 de março de 1982. Nessa aula, o filósofo propõe uma definição de ascética como:

...o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido. Entendo por “objetivo espiritual” uma certa mutação, uma certa transfiguração deles mesmos enquanto sujeitos, enquanto sujeitos de ação e enquanto sujeitos de conhecimentos verdadeiros.”³⁴

³³ TILLICH, P. *The courage to be*. New Haven & London: Yale University Press, 1952. p. 12. Tradução minha.

³⁴ FOUCAULT, M. *Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 374.

Esses exercícios são práticas voluntárias e intencionais executadas para promover a transformação da pessoa. Foucault destaca que, ainda que possamos num sentido técnico compilar listas desses exercícios, eles não constituíam, para os filósofos antigos, um catálogo rígido e preciso de regras e prescrições³⁵. Por isso, para compreender o que são os exercícios, uma via é analisar os dois termos usados para se referir a eles: *meletân* e *gymnázein*.

Meletân, que noutras circunstâncias pode designar o trabalho agrícola ou o trabalho dos professores de retórica, no caso do trabalho filosófico, designa uma atividade ou trabalho do pensamento. Porém, “não se trata simplesmente de uma espécie de enclausuramento do pensamento lidando consigo mesmo. Trata-se de um exercício real”³⁶. Dessa forma, a *meletân* “tem essencialmente por função preparar o indivíduo para aquilo que ele em breve deverá realizar”³⁷. Já o termo *gymnázein* remete à ideia de ginástica, de treinamento prático mesmo. De acordo com Foucault, “*gymnázein* é estar efetivamente em presença de uma situação, situação que é real, quer se a tenha artificialmente provocado e organizado, quer se a depare na vida, e na qual se põe à prova aquilo que se faz”³⁸. Foucault reconhece que, em alguns casos os termos são intercambiáveis, como em Plutarco; porém, em Epicteto, parece que eles são bem distintos e formam uma sequência, juntamente com a prática da escrita, como vemos na *Diatribes* I.1.25³⁹: “Essas são as lições nas quais os filósofos devem exercitar-se [*meletân*], sobre as quais eles devem escrever [*gráphein*] diariamente e as quais devem praticar [*gymnázein*]”.

A ideia, portanto, é de que o filósofo não apenas medita sobre os princípios filosóficos, mas compreende que colocá-los em prática é imperativo, como vemos no passo XLIX do *Manual*:

Quando alguém se crê merecedor de reverência por ser capaz de compreender e interpretar os livros de Crisipo, diz para ti mesmo: “Se Crisipo não escreveu de modo obscuro, ele não tem pelo que se crer merecedor de reverência”. Mas o que eu desejo? Conhecer a natureza e segui-la. Busco então quem a interpreta. Ouvindo que é Crisipo, vou a ele. Mas não compreendo seus escritos. Busco então quem os interpreta – até aí, absolutamente nada há que mereça reverência. Quando eu acho o intérprete, resta-me fazer uso das coisas prescritas – unicamente isso é digno de reverência. Ora, se admiro o

³⁵ Ibidem, p. 380-381.

³⁶ Ibidem, p. 382.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ As *Diatribes* III.5.11, IV.4.8-18 e IV.6.11-17 trazem a mesma ideia da *Diatribes* I.1.25, mas sem usar os termos *meletân* e *gymnázein*.

próprio <ato de> interpretar, que outra coisa me torno senão gramático ao invés de filósofo? Com a diferença que, no lugar de Homero, interpreto Crisipo. Então, quando alguém me disser “Interpreta algo de Crisipo para mim”, sobretudo enrubescerei quando não for capaz de exibir ações semelhantes às palavras e condizentes <com elas>.

A prova, sob esse ponto de vista, apresenta duas características, segundo Foucault: em primeiro lugar, representa uma oportunidade para o ser humano praticar uma certa atitude em face do real a partir do que ele anteriormente aprendeu e sobre o que meditou. Assim, os infortúnios, os sofrimentos e os prazeres nada mais seriam que um modo de saber do que se é capaz; de avaliar, de demarcar em que ponto ele está em relação ao seu progresso filosófico.

[...] nos exercícios de prova busca-se medir em que ponto se está em relação àquilo que se era, em relação ao progresso já feito, e em relação ao ponto a que se deve chegar. Na prova, se quisermos, está sempre em questão uma certa progressividade e um esforço de demarcação, logo, de conhecimento de si.⁴⁰

No entanto, não basta apenas deparar-se com determinadas situações e até mesmo superá-las. É necessário ainda – e essa é a segunda característica apontada por Foucault – que a atitude exterior do filósofo seja acompanhada por uma atitude interior, um trabalho do pensamento sobre si.

...não se trata apenas de impor-se uma regra de ação ou de abstenção, mas de elaborar ao mesmo tempo uma atitude interior. É preciso confrontar-se com o real, e também controlar o pensamento no próprio momento em que se é confrontado com o real.⁴¹

Epicteto mostra essa relação entre atitude interior e atitude exterior na *Diatribes* II.18.15-17:

Hoje quando eu vi um belo garoto ou uma bela mulher eu não disse a mim mesmo ‘Gostaria de ser o homem a dormir com ela’ e ‘Seu marido é um homem feliz’, porque o homem que usa a expressão ‘feliz’ do marido quer dizer ‘feliz é o adúltero’ também; mas eu nem mesmo imaginei a próxima cena – a própria mulher na minha presença, se despindo e deitando ao meu lado. Eu dei um tapinha na minha cabeça e disse ‘Fez bem, Epicteto, você resolveu um problema inteligente...’

⁴⁰ FOUCAULT, M. Op. Cit., p. 387.

⁴¹ Ibidem, p. 380.

Assim, todos os acontecimentos são, para o estoico, oportunidades de se educar. Por isso, Foucault afirma a ideia de que toda a vida “deve ser reconhecida, pensada, vivida, praticada como uma perpétua prova”⁴². Disso decorrem duas ideias: a “de que a vida, a vida com todo o seu sistema de provas e infortúnios, a vida por inteiro, *é uma educação*”⁴³ e de que deus organiza previamente “um mundo que tenha para o homem valor formador”⁴⁴. Mas se todos os acontecimentos são formadores, o suicídio seria a fuga da prova da vida? Se o suicídio é permitido sob certas circunstâncias, como saber quando é o tempo certo de partir?

Vimos anteriormente que o critério máximo para o suicídio é a impossibilidade de viver conforme a natureza. Também vimos que, na concepção epictetiana, há um sinal de deus indicando o momento de partir. Cabe então questionar: o que é esse sinal? Ele é percebido no ambiente externo ou é puramente resultado de uma decisão da pessoa? A esse respeito os comentadores divergem. Stephens e Frede defendem a autonomia absoluta do indivíduo na tomada de decisão pelo suicídio, afirmando que “os indivíduos são os árbitros finais sobre quais as circunstâncias e condições corporais que eles podem tolerar enquanto se esforçam para cumprir seus papéis e viver bem, e quando eles não podem”⁴⁵. Porém, Droge problematiza a questão do sinal divino: um “indivíduo não deve desistir da vida irracionalmente ou por motivos fúteis [...] a razão disso para Epicteto é que a divindade não deseja isso. Como no caso de Sócrates, Epicteto sustenta que o deus provê um sinal indicativo de partida”⁴⁶. O momento da partida depende de uma ordem do deus e não da escolha do ser humano. Por isso, Droge defende que “a simples adversidade geralmente não é motivo suficiente para o suicídio”⁴⁷.

A partir do que anteriormente observamos sobre as possibilidades e interdições ao suicídio, podemos constatar que o suicídio, do ponto de vista daquele que deseja agir virtuosamente, é uma atitude resultante de séria reflexão, que leva em conta não apenas a vontade e as motivações da pessoa, mas também o impacto de tal ação nas pessoas de seu convívio. Ainda assim, é possível justificar racionalmente o suicídio sob determinadas circunstâncias, especialmente quando não é possível viver conforme a

⁴² Ibidem, p. 393.

⁴³ Ibidem, p. 395.

⁴⁴ Ibidem, p. 395.

⁴⁵ STEPHENS, W. O. Epictetus on fearing death: bugbear and open door policy. *Ancient Philosophy*. Mathesis Publications, v. 34, 2014, p. 382.

⁴⁶ Droge Apud Stephens, Op. Cit., p. 382.

⁴⁷ Idem.

natureza. Contudo, permanecem algumas questões que carecem de pesquisa mais aprofundada: mesmo que se possa justificar racionalmente o suicídio, é possível executá-lo virtuosamente, isto é, pela motivação certa, no momento adequado, sem agir apressadamente ou por tédio da vida, tendo superado as provas que levam ao aperfeiçoamento pessoal com o auxílio do correto entendimento dos princípios filosóficos, e somente após ter entendido claramente o sinal de deus? Em outras palavras: estaria o suicídio reservado apenas aos sábios?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAICOVICH, R. La identificación entre el “yo” y la proairesis en Epicteto. *Ágora – Papeles de Filosofía*, v. 30, n. 2, 2011, p. 149-162.
- COHEN, C; GARCIA, M. *Questões de Bioética Clínica*. Pareceres da Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier: 2007.
- COOPER, J. Greek Philosophers on Suicide and Euthanasia. In: *Suicide and Euthanasia: Historical and Contemporary Themes*. B Brody (ed.), Dordrecht: Kluwer. p. 9-38.
- DUHÖT, J.-J. *Epicteto e a sabedoria estoica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2006.
- EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilíngue. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. 1 ed. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012.
- EPICTETUS. *Discourses of Epictetus*. Trad. George Long. New York: D. Appleton and Company, 1904.
- _____. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments; Encheiridion*. Trad. Oldfather. Harvard: Loeb, 1928.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOURINAT, J.-B. A sabedoria e os exercícios filosóficos. In: GOURINAT, J.-B., BARNES, J. *Ler os estoicos*. Trad. Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. & BARNES, J. (org.). *Ler os estoicos*. Trad. Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Loyola, 2013.
- HOOFF, A. J. L. *From Autothanasia to Suicide*. Self-Killing in Classical Antiquity. New York: Routledge, 2002.
- LAERTIO, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic philosophers*. Vol. 1 e 2. Londres: Cambridge University Press, 1987.
- MACHADO, D.B; SANTOS, D.N. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v.64, n.1, p. 45-54, mar./2015.
- OMS: *Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos*. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2006, p. 5.

SÊNECA. *Edificar-se para a morte*. Das Cartas morais a Lucílio. Trad. Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis: Vozes, 2016.

STEPHENS, W. O. Epictetus on fearing death: bugbear and open door policy. *Ancient Philosophy*. Mathesis Publications, v. 34, p. 365 – 391, 2014.

TILLICH, P. *The courage to be*. New Haven & London: Yale University Press, 1952.